



ANA CLARA MARTINS, 24

O mercado financeiro ainda é um ambiente inóspito para as mulheres. E essa tendência é ainda mais forte no capital empreendedor. O ecossistema que reúne fundadores de startups e seus financiadores, em geral fundos de venture capital e investidores-anjo, também é majoritariamente masculino. Por isso faz diferença ter mulheres no comando das empresas. “Não apenas como sócias ou executivas, mas como CEOs”, diz Ana Clara Martins, sócia do fundo de venture capital Atlântico. Mineira de Belo Horizonte, ela teve seu primeiro contato com o universo do capital após concluir o ensino médio, cursado em uma escola americana na Suíça. Estudou ciências políticas e engenharia de produção na universidade Stanford, na Califórnia. A decisão de voltar ao Brasil em 2019 deveu-se ao bom momento do mercado. “Vi muita gente chegando, pessoas empreendendo e fundos investindo, e quis fazer parte disso.” O Atlântico tem uma estratégia de boutique, investindo em, no máximo, 15 empresas. O fundo não revela nomes nem valores.

JOÃO PAULO SANCHES MAIA, 29

Quem quer ser bem-sucedido na Faria Lima tem de suar a camisa.

Maia levou esse princípio à risca. Ele iniciou sua trajetória no mercado financeiro ainda quando cursava administração de empresas na FGV. Após vencer uma competição de pesquisa, teve sua primeira experiência no Vale do Silício em 2014, quando aprofundou seu interesse por empreendedorismo. Após trabalhar por quatro anos no Bank of America Merrill Lynch, ele se juntou a dois colegas de faculdade para fundar a Shift Capital. O primeiro investimento, com capital próprio, foi na Shift Fitness, que concentra a operação de rede de academias BlueFit na região Centro-Oeste. Quatro anos após seu lançamento, a rede possuía oito unidades, um pipeline para inaugurar mais sete ao longo de 2023 e um faturamento de R\$ 60 milhões por ano. No início de 2022, a empresa se fundiu à rede BlueFit. Maia assumiu a direção da nova companhia, que emprega cerca de 3 mil pessoas e está entre as cinco maiores do país.



BIANCA JUNQUEIRA PEREIRA, 29

Estudante de escola pública e formada em direito e administração de empresas, Bianca começou sua carreira de empreendedora vendendo balas para reforçar as finanças da família. Fundou sua primeira startup em 2017 e a segunda em 2018. As iniciativas não deram certo, mas proporcionaram experiência e traquejo para fundar a terceira, chamada Portão 3. O nome tem razão de ser: foi a terceira iniciativa, e o objetivo do negócio é gerir viagens corporativas – o portão refere-se aos portões de embarque nos aeroportos. Porém, a experiência não serviu para evitar um risco inesperado. “O primeiro protótipo ficou pronto quando começou a pandemia”, diz ela. “O momento foi o pior possível.” No entanto, ela e os sócios decidiram continuar. Deu certo. “Fomos para além das viagens; agora estamos na gestão de pagamentos e de tudo o que tem a ver com colaboradores na rua”, diz ela. A Portão 3 tem como clientes corporações como a seguradora SulAmérica e a rede de pagamentos Credipago.



APRESENTADA POR

JOHNNIE WALKER

APRECIE COM MODERAÇÃO. NÃO COMPARTILHE COM MENORES DE 18 ANOS.

PATROCÍNIO

SingularityU
Reserva
ânima

BIA HADDAD, 26

Quando criança, a paulistana estava dividida entre ser jogadora de tênis ou professora de matemática – pelo jeito, deu certo optar pela primeira alternativa: em agosto de 2022, com vice-campeonato do WTA 1000 de Toronto, ela saltou do 82º lugar do ranking para o 15º, a melhor colocação da história de uma brasileira. “Um momento muito especial do ano foi quando ganhei meu primeiro WTA em Nottingham, não somente pelo título, mas pela forma como eu e minha equipe estávamos lidando com o dia a dia, trabalhando muito duro.” Em seguida, a jogadora, que tem entre suas principais armas o saque e o forehand, venceria outro WTA 250, em Birmingham. Com esses excelentes resultados, em dezembro, a tenista foi premiada pelo jornal britânico Daily Express por ter apresentado a melhor evolução no ranking mundial na temporada. Bia cresceu dentro do clube Sírio, em São Paulo, onde frequentou a escola e teve contato com várias modalidades: judô, ginástica artística, natação, futebol e tênis. “Fisicamente, Bia sempre foi diferenciada, um pouco maior que as crianças da mesma idade”, analisa Laísa, sua mãe e professora de tênis. Quando não está jogando, Bia gosta de tocar violão e piano, além de ler e conhecer a cidade por onde está passando. Para 2023, a meta é “seguir evoluindo para chegar entre as 10 melhores do mundo”. Bia tem o sonho de ganhar um Grand Slam. “Mas, mais do que isso, quero contribuir de alguma forma para a vida de pessoas, especialmente as crianças.”





FELIPE DRUGOVICH, 22

Paranaense de Maringá, Felipe jamais vai esquecer o ano de 2022: ele se transformou no primeiro piloto brasileiro a vencer o Campeonato de Fórmula 2 da Federação Internacional de Automobilismo (FIA). Em 14 etapas (28 corridas, já que são duas corridas por fim de semana), ele foi o piloto com mais vitórias na temporada (5) e levantou o caneco com uma etapa antecedência, em Monza. “Na verdade, o ano foi muito especial também por outros dois motivos: fui o primeiro piloto a ganhar as duas corridas de uma etapa, em Barcelona (o que não é nada fácil, já que o segundo grid é invertido); e pela vitória de Mônaco, onde fiz a pole e ganhei a corrida, em um lugar em que o Senna é tão respeitado”, diz o piloto, que é fã de Ayrton Senna (1960-1994) e Niki Lauda (1949-2019) – fora do automobilismo, o tenista Roger Federer é seu ídolo. Felipe entrou no mundo da velocidade aos 5 anos, competindo de autorama; depois, vieram os carrinhos de RC (rádio-comando) e, em 2008, acelerou um kart. “Em 2011, quando ganhei o Brasileiro de Kart, achei que seria possível viver do esporte”, diz Felipe, que saiu do Brasil em 2013 e hoje vive em Desenzano del Garda (norte da Itália). Em 2023, será o terceiro piloto da Aston Martin na Fórmula 1. “Meu sonho é ser campeão da F1 – bem simples (risos).”

APRESENTADA POR
JOHNNIE WALKER
APRECIE COM MODERAÇÃO. NÃO COMPARTILHE COM MENORES DE 18 ANOS.

PATROCÍNIO
Singularity
Reserva
ânima

HUGO CALDERANO, 26

Filho de professores – o pai de educação física e a mãe de inglês –, Hugo nasceu e cresceu no Rio de Janeiro até os 14 anos, quando se mudou para São Caetano do Sul (SP) para treinar tênis de mesa. Hoje, vive em Ochsenhausen (Alemanha), e os treinos são pesados: seis horas por dia, sendo quatro na mesa. Desde cedo, ele se viu como atleta – começou na modalidade aos 8 anos. A primeira competição internacional foi a latino-americano mirim, em 2008, quando conquistou o bronze nas duplas. “Considero que uma das minhas forças é a parte mental, muito importante no tênis de mesa. Posso dizer que meu estilo de jogo é bem agressivo.” Ele gosta de praticar e assistir a outros esportes, principalmente basquete e tênis (também curte xadrez e brincar com cubo mágico). Entre os momentos marcantes de 2022, ele cita dois títulos: uma etapa do circuito WTT, na Tunísia, e o Campeonato Pan-Americano, no Chile. “Em 2023, as minhas principais competições serão o Mundial e os Jogos Pan-Americanos, além da liga japonesa e as etapas do circuito internacional. Quero buscar o tri no Pan e espero novamente estar na briga por uma medalha no mundial.”



FOTO WILLIAM LUCAS/TIME CALDERANO

FRED BIONDI, 22

Em janeiro de 2022, Fred assumiu a primeira posição entre os golfistas amadores brasileiros (e segundo da América do Sul) ao conquistar o vice-campeonato do Latin America Amateur Championship (LAAC), na República Dominicana. “Não venci por pouco. Esse torneio foi um divisor de águas. A partir daí, venci dois torneios do calendário de college, e fiquei em segundo em outros dois.” Em junho, o golfista paulistano residente na Flórida desde os 14 anos marcou seu nome na história do golfe nacional: participou do 122º U.S. Open. Trata-se do primeiro amador do Brasil a se classificar para o Aberto dos Estados Unidos. “Foi um momento mágico jogar ao lado dos meus ídolos.” Fred joga golfe desde os 3 anos. “Comecei em São Carlos, onde meu avô tinha um campo de 11 buracos, mas só pensei em viver do esporte ao entrar no college. Graças ao golfe, ingressei na University of Florida. Hoje, sou 18º do mundo (ranking amador).” 2023 começa quente para Fred. “São três torneios muito importantes, além de ter como meta terminar meu ciclo amador em Top 5 no PGA University, pois isso me dará a oportunidade de jogar torneios profissionais.”



ENDRICK, 16

O craque do Palmeiras que virou a principal sensação brasileira no mercado internacional de futebol em 2022 fechou o ano nas manchetes graças à segunda maior transação da história do futebol brasileiro: ele foi negociado com o Real Madrid por 72 milhões de euros (ficou atrás apenas de Neymar, que trocou o Santos pelo Barcelona por 88 milhões em 2013). O Real Madrid prevaleceu sobre outros gigantes europeus, como Chelsea e PSG, interessados no atacante canhoto. Ele fará as malas para a Espanha em 2024, sete anos depois do gol de bicicleta decisivo na final do Paulistão sub-13, contra o Santos. Endrick Felipe Moreira de Sousa é o único atleta da história do Palmeiras a ser campeão em todas as categorias, incluindo a profissional. A estreia no time de Abel Ferreira aconteceu contra o Coritiba, em 6 de outubro de 2022. No segundo jogo dele, contra o Athletico, marcou duas vezes na vitória por 3 a 1. Ele nasceu na pequena Valparaíso (GO). Douglas, seu pai, foi faxineiro no Centro de Treinamento do clube para arcar com as despesas do filho em São Paulo.



ALANA MALDONADO, 27

Em novembro de 2022, Alana conquistou o título de bicampeã mundial paralímpica do judô em Baku (Azerbaijão), ao vencer a turca Raziye Ulucam na categoria até 70 kg para atletas da classe J2 (baixa visão). A atual campeã paralímpica nasceu em Tupã, interior de São Paulo, e hoje vive na capital, onde treina no Palmeiras em dois turnos. “Eu não tinha muita esperança em ser atleta profissional, mas, em 2014, após ser campeã brasileira, ingressei na seleção brasileira e, a partir daí, foi a realização de um sonho.” Quando não está treinando, Alana gosta de descansar, visitar a família, ver filmes e sair com a namorada para ir ao shopping. “Sou mais caseira, mas também gosto muito de praia.” Ela começou na modalidade por influência da avó, que trabalhava em uma academia de judô. “Eu ficava com meus avós para meus pais irem trabalhar.” Em 2023, Alana vai brigar para seguir líder do ranking mundial. “Me sinto uma atleta realizada, mas quero ser campeã dos Jogos Mundiais e dos Jogos Parapan, que são dois títulos que bati na trave, ficando com a prata.”

